



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB

VALDETE DE ANDRADE SILVA

Da ação do professor à indisciplina do aluno

CATOLÉ DO ROCHA – PB.

2014

VALDETE DE ANDRADE SILVA

Da ação do professor à indisciplina do aluno

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.Ma. Ariane Benicio de Sá

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586a Silva, Valdete de Andrade.
Da ação do professor à indisciplina do aluno [manuscrito] : /
Valdete de Andrade Silva. - 2014.
42 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia
EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de
Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Ariane Kércia Benicio de Sá
Barreto, Secretaria de Educação à Distância".

1. Indisciplina. 2. Aluno. 3. Escola. I. Título.

21. ed. CDD 371.58

VALDETE DE ANDRADE SILVA

Da ação do professor em relação à indisciplina do aluno

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data da avaliação: 25 / 07 / 2014

BANCA EXAMINADORA

Ariane Benício

Orientadora: Prof. Ma. Ariane Kercia Benício de Sá Barreto
(UEPB)

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinador (a): Prof^a. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
(UEPB)

CATOLÉ DO ROCHA- PB

2014

Dedico, mais um passo desta minha vitória em primeiro lugar a Deus, Ser que sempre esteve ao meu lado e nunca abandonou, nem abandonará antes as dificuldades existentes em meu caminho. Dedico também, este trabalho a todos que, de algum modo, colaboraram com a construção dos meus próprios saberes, professores, colegas, família, amigos, enfim a todos aqueles que direto ou indiretamente deram sua parcela de participação contribuiu para mais esta etapa vencida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelos obstáculos postos a minha frente, pois com eles pude aprender a transformar inseguranças em certezas, e sonhos em objetivos. E que eu possa viver diante de Tua face e agradecer por tudo que tem me proporcionado ao longo de todos estes anos.

À minha família, pelo incentivo, por compreender minha ausência em momentos especiais, e pelo apoio, mesmo que involuntário à minha caminhada rumo a mais uma formação. À minha mãe em especial, pela força, encorajamento saiba que é meu porto seguro, amor sem limites, meu motivo para continuar. A meu pai, em particular, que mesmo com problemas de saúde e sem entender muito bem o que se passava comigo, indiretamente me incentivava a continuar sempre. À minha irmã, exemplo de responsabilidade, que nos momentos difíceis sempre me dava lições de vida a qual necessitei. A José Pereira, meu esposo, pelas contribuições a mim destinadas.

Aos mestres que me ensinaram a crer que se pode contribuir para a formação de um caráter e compartilhar de sua própria existência, a eles pelas lições de saber e dedicação o meu: Muito Obrigada!

Aos colegas, meu estimado agradecimento pelo apoio, coleguismo, carinho e aceitação, partilhando ideias, conceitos e sentimentos.

Não eduques as crianças nas várias disciplinas recorrendo à força, mas como se fosse um jogo, para que também possas observar melhor qual a disposição natural de cada um.

Platão

RESUMO

O presente trabalho pretende abordar a problemática da indisciplina discente na escola, analisando suas consequências no processo educativo. As reflexões aqui descritas partem das observações vividas no estágio supervisionado em Gestão, Educação infantil e Ensino Fundamental realizados no curso de licenciatura em Pedagogia. Diante disso foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo e exploratório, realizada a partir de levantamentos bibliográficos, com a finalidade de identificar os possíveis motivos da indisciplina presente nas escolas, e questionários aplicados a professores da rede pública, com a finalidade de compreender estas questões com base em suas experiências. Como objetivo geral estabeleceu-se: Analisar a ação do professor em relação à indisciplina do aluno em sala de aula. Como aporte teórico buscou-se a contribuição de Marrafon (2007), Abromovay (2008), Snyders, (1993), Aquino (1996), Guedes (2006), entre outros. Foi constatado no decorrer da pesquisa que a maioria dos alunos não respeita seus professores e esses, desorientados, procuram gestores que têm dificuldades em estabelecer limites na sala de aula e não sabem até que ponto é possível intervir sobre esses comportamentos. O problema da indisciplina está enraizado nos lares onde predominam famílias desestruturadas, na escola e na sociedade como um todo.

Palavras – chave: Indisciplina – Aluno – Escola

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. REFLEXÕES TEÓRICO/PRÁTICAS ARTICULADAS AOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS	11
1.1 Caracterização da escola e recursos.	11
1.2 Do estágio em Gestão Escolar.....	12
1.3 Do estágio em Educação Infantil	14
1.4 Do estágio no Ensino Fundamental I	19
2. NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL: a relação professor e aluno e o problema da indisciplina escolar	23
2.1 A relação professor /aluno	25
2.2 Indisciplina escolar: causas e consequências.....	27
2.3 Contexto social familiar e escolar	28
3. DA AÇÃO DO PROFESSOR À INDISCIPLINA DO ALUNO.	31
3.1 Tentativas de solucionar o problema: Numa discussão teórico/prática....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE	40

INTRODUÇÃO

Sabe-se que desde antigamente até os dias atuais há quem seja indiferente ao indivíduo que apresenta um comportamento com conduta agressiva ou socialmente frágil, este muitas vezes pode tornam-se alunos indisciplinados como forma de proteção ou por imitação, pois possuem pouca instrução familiar e acredita que comportamentos desse tipo são normais e aceitáveis.

Diante do exposto pode-se dizer que não é absolutamente novo o fenômeno da indisciplina na escola, e em alguns casos tem tido proporções que a escola não sabe como agir e que medida tomar. A respeito disso Marrafon (2007, p. 14) diz que a indisciplina, hoje torna-se constante nas escolas, pois nossas crianças e jovens ainda não aprenderam a lidar com suas emoções, não toleram ser frustradas, não suportam nem querem seguir regras e ainda não se compreendem.

Contudo, diante de tantas discussões a indisciplina na escolar é um problema, e continua a aumentar, já que ocorre com frequência na maioria dos educandários. Infelizmente é comum os meios de comunicação frequentemente exibir cenas de indisciplina e muitas vezes de agressões dentro das escolas, nas salas de aula, e até mesmo entre alunos e professores, ou grupos de alunos.

Diante disso, surgiu a intenção de pesquisar, a problemática da indisciplina na escola, analisar suas consequências no processo educativo, pois se sabe que este é um fenômeno bastante presente no âmbito escolar e que o professor cada vez mais se depara com tal dificuldade em seu ambiente de trabalho.

Sendo assim, no decorrer deste trabalho será feita uma reflexão sobre a relação entre professor e aluno; as causas e consequências da indisciplina escolar, fruto da ausência de referências positivas do meio; contexto social, familiar e escolar, pois sabe-se que falta na maioria dos casos a participação da família na educação dos filhos.

Serão também discutidos métodos de como agir, enquanto profissional qualificado, e meios de agir na prevenção do fenômeno em questão. Dessa forma, na tentativa de ampliar esta discussão e já tendo experiência e o convívio no campo de pesquisa, foi escolhida a Escola Municipal de Ensino Fundamental Arão Teodomiro de Sousa para ser laboratório vivo para esta pesquisa, antes já visitado nos estágios supervisionados. No decorrer dos mesmos foi constatado atos de indisciplina por parte de alguns alunos.

No transcorrer dos estágios pode-se verificar a falta de disciplina por parte de algumas crianças, em casos particulares bem pequenas e já não atendiam nem respeitavam os professores, agrediam colegas e a professora em sala de aula verbalmente e em alguns casos específicos até fisicamente.

Nessa perspectiva decidiu-se estudar o comportamento indisciplinado dos alunos e suas possíveis causas, para isso pautou-se nos seguintes questionamentos: o que leva uma criança a torna-se indisciplinada? Que atitudes deve haver por parte dos professores para enfrentar o problema da indisciplina nas nossas salas de aula?

Nesse contexto, decidiu-se aprofundar o conhecimento em torno do problema indisciplina no intuito de conhecer como a escola, a família e a comunidade organizam-se na gestão deste problema tão preocupante e que vem crescendo a cada dia. A esse respeito Vinha (2000) afirma que:

O objetivo de estudar (in)disciplina é fazer com que os conceitos e os mitos que os educadores tem sobre esse assunto, a compreensão dos conflitos existentes na escola, possam modificar possibilitando-lhes uma maior autonomia para tomar decisões coerentes e refletidas previamente. (VINHA. 2000, p. 128)

Nessa ótica, será definido como objetivo geral analisar a ação do professor em relação à indisciplina do aluno em sala de aula, e tendo os seguintes objetivos específicos listados abaixo:

- Averiguar os fatores externos, como a relação entre os indivíduos, contribuintes para a indisciplina.
- Verificar os procedimentos metodológicos adotados pelo professor na condução de sua prática em sala de aula.
- Identificar as ações educativas e preventivas frente a indisciplina do aluno no contexto escolar.

Este trabalho de investigação foi feito à luz de contribuições teóricas de vários autores, ligados ao campo da indisciplina. Entre eles estão: Marrafon (2007), Abromovay (2008), Snyders, (1993), Aquino (1996), Guedes (2006), e outros que estejam relacionados a este campo.

A pesquisa aqui desenvolvida é qualitativa, pois parte do pressuposto de que a realidade e o sujeito são elementos indissociáveis no contexto estudado. Será utilizado ainda para realização deste trabalho as observações feita no decorrer dos estágios supervisionados.

No que se refere à pesquisa qualitativa Chizotti (2006) afirma:

É uma designação que abriga corrente de pesquisa muito diferentes. Em síntese, essas correntes se fundamentam e alguns pressupostos contrários ao modelo experimental e adotam métodos e técnicas de pesquisa diferentes dos estudos experimentais.(CHIZOTTI. 2006, p. 340)

Assim, nesta pesquisa temos como sujeitos participantes professores, alunos e direção escolar, buscando compreender quais métodos e técnicas utilizadas por professores que estão atuando em sala de aula.

No primeiro capítulo discutiremos às experiências vividas dos três estágios supervisionados: Gestão Escolar, Educação Infantil e Ensino Fundamental; bem como o histórico escolar da escola que foi nosso laboratório de pesquisa.

No segundo capítulo, apresentaremos a fundamentação teórica no que diz respeito à relação entre professor e aluno, causa e consequências da indisciplina escolar e o contexto social familiar e escolar.

No terceiro capítulo descreveremos a análise dos dados coletados, bem como apresentaremos os resultados da investigação feita para este trabalho, além de possíveis métodos para melhorar a falta de disciplina já utilizado pelos professores entrevistados. As considerações finais sistematizam as sínteses apreendidas sobre a indisciplina dos alunos.

Portanto, familiarizada com a questão da indisciplina, não só por reconhecer sua gravidade no que se refere ao prejuízo que ela exerce no ensino e na aprendizagem bem como no convívio social, ético, político e também com o intuito de ampliar o conhecimento sobre a temática, desenvolveu-se esta pesquisa centrada neste tema que hoje gera uma polêmica social.

1. REFLEXÕES TEÓRICO/PRÁTICAS ARTICULADAS AOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Para atender alguns dos requisitos obrigatórios do curso de Pedagogia, fez necessário estagiar em diferentes áreas do convívio escolar. Primeiro o estágio se deu na Gestão Escolar, depois na Educação Infantil e por último no Ensino Fundamental I.

Parte das experiências adquiridas ao longo desses estágios encontra-se registradas neste capítulo, o qual se tornou um norte para pesquisas e projetos. Vale salientar que todos os estágios ocorreram na mesma instituição de ensino o que facilitou a pesquisa de uma problemática comum a todos que compõe a escola a indisciplina de alguns alunos.

1.1 Caracterização da escola e recursos.

A Escola Municipal do Ensino Fundamental Arão Teodomiro de Sousa localiza-se à rua Manoel Andrade da Silva, nº 37 no centro de Brejo dos Santos- PB.

A escola atende a uma clientela de classe média baixa, funcionando nos três turnos, atendendo assim Educação Infantil (Pré- escola) e Ensino Fundamental I; Educação de Jovens e Adultos (EJA- 1º a 5º; 6º a 9º anos) e Ensino Fundamental II distribuídos respectivamente nos turnos tarde, noite e manhã.

Antigamente poucas crianças tinham acesso a Escola, devido ao número limitado de vagas, bem como a situação financeira das famílias.

Tomando conhecimento dessas carências o prefeito Livaldino Vieira da Silva (Buzumbão), em 1980 construiu a segunda escola da zona Urbana com quatro salas de aula, a qual denominou de Manoel Andrade em homenagem ao dono do terreno. Funcionava no horário de 11:00h às 14:00h de 1ª a 4ª série atendendo apenas 39 alunos.

As primeiras professoras foram: Maria de Sousa Neta, Marilene Lira da Silva, Raquel Leandro Alves e Benedita Conrado da Silva.

Em 1983, a escola foi ampliada pelo prefeito Drº Lauri Ferreira da Costa, sendo parte dela cedida à Escola Estadual Agnelo A. Filho, funcionando nos dois turnos.

O prefeito Manoel Oliveira em 1989 resolveu homenagear um grande amigo de infância mudando o nome da referida Escola para Arão Teodomiro de Sousa.

Na administração do prefeito Drº Lauri Ferreira da Costa, expandiu o Ensino Fundamental até a 8ª série, acreditando que nesta área está o pivô do desenvolvimento sócio-cultural de um povo.

Ao longo do tempo a escola teve algumas reformas, sendo as mais recentes no ano 2012 na administração do prefeito Drº Lauri Ferreira da Costa, a construção de um palco e área coberta afim melhorar os eventos escolares, e em 2014 pelo prefeito Drº Luiz Vieira de Almeida, pintura e novas portas foram colocadas em todas as salas, bem com instalação de ar-condicionado nas salas de recurso, de informática e sala de vídeo/biblioteca.

Atualmente a escola Arão Teodomiro funciona nos três turnos, contando com aproximadamente 400 alunos, tendo como diretora geral Janailma de Macena Silva e Diretora Adjunta: Neci Vieira Gomes; Secretária Escolar: Jaline Melo Oliveira; Supervisora Escolar: Adalgisa Alves Filha; Coordenador: Pastor Edinaldo Alves da Silva e Psicopedagoga: Lídia de Oliveira Neta.

Contando atualmente com 20 professores, e vários funcionários de apoio e administrativos. A estrutura física da escola é muito boa, conta com alguns aparatos tecnológicos, porém alguns ainda em desuso pois não há pessoas qualificadas para trabalhá-los com os alunos.

1.2 Do estágio em Gestão Escolar

O primeiro estágio se deu na Gestão Escolar da Escola Arão Teodomiro de Sousa, que contava, no ano de 2012, com o diretor geral Edivan Veras e adjunta Aucilene de Freitas Bezerra. É fato que a primeira experiência com o estágio “assusta”, porém precisa-se dele para prepara-se e ser um bom profissional bem como assimilar a teoria da sala de aula com a prática como explica Pinheiro (2008) em:

O estágio é um processo de aprendizagem indispensável a um profissional que deseja estar preparado para enfrentar os desafios de uma carreira. Está no estágio a oportunidade de assimilar a teoria e a prática, aprender as peculiaridades e “macetes” da profissão, conhecer a realidade do dia-a-dia, no que o acadêmico escolheu exercer. (PINHEIRO, 2008, p. 1)

Gestão Escolar é um assunto de grande importância estratégica, para que tenhamos uma escola que atenda da melhor forma sua clientela. A Gestão Administrativa deve incumbir-se da parte física e burocrática da escola, que compreende o prédio, equipamentos, materiais, legislação e atividades de secretaria. E também deve dar conta do financeiro da escola. A Gestão Pedagógica define a linha de ensino, as metas a serem atingidas, levando em conta os objetivos e o perfil de seus alunos. Deve avaliar o rendimento das práticas adotadas, para detectar e corrigir eventuais erros se necessário, juntamente com a equipe de professores envolvidos.

A Gestão de Recursos Humanos é a mais delicada e de importância fundamental. O bom andamento das atividades escolares depende de manter as pessoas trabalhando satisfeitas e motivadas para que possam render o máximo em suas atividades.

Na verdade essa fragmentação é somente teórica, pois as ações devem ser afinadas e coerentes para que os resultados sejam os esperados. Sabe-se que a Gestão escolar está ligada a tudo o que se refere ao bom ou mau funcionamento da escola diante disso Paro (2008, p.13) cita:

A administração escolar está, assim, organicamente ligada à totalidade social, onde ela se realiza e exerce sua ação e onde, ao mesmo tempo, encontra as fontes de seu condicionamento. Para um tratamento objetivo da atividade administrativa escola é preciso, portanto, que a análise dos elementos mais especificamente relacionados à administração e à escola seja feita em íntima relação com o exame da maneira como está a sociedade organizada e das forças econômicas, políticas e sociais aí presentes. (PARO, 2008, p. 13)

O que se vê na escola Arão é uma gestão escolar organizada voltada sempre para o crescimento da comunidade escolar como um todo, democrática e participativa visando o auxílio direto ao corpo docente e discente. O clima de trabalho e interação aluno-professor-gestor é razoavelmente ameno e tranquilo, obviamente que uma vez ou outra ocorram problemas de ordem disciplinar, mas são logo resolvidos, já que como havia citado a direção da escola é muito bem organizada democrática e participativa, e procura resolver problemas de ordem disciplinar com os pais e responsáveis já que admite que a escola sozinha não conseguiria resolvê-los.

Nesse contexto podemos tomar por base a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira) que afirma:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII - valorização do profissional da educação escolar;

VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX - garantia de padrão de qualidade;

X - valorização da experiência extra-escolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

XII - consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013).

Diante do exposto, pode-se afirmar que a escola pública precisa estar impregnada de uma prática expressivamente democrática, num processo de inclusão social aos sujeitos que nela estão inseridas, permitindo, assim, oportunidade de expressão de pensamentos e aprendizado significativo.

1.3 Do estágio em Educação Infantil

O segundo estágio foi bem mais tranquilo já que se tinha todo um conhecimento adquirido no estágio anterior. O Estágio Supervisionado II se deu no Pré I e Pré II na referida escola já mencionadas. Com duração de 100 horas divididas entre aulas teóricas, observação, planejamento, intervenção e construção do relatório. O primeiro contato com as turmas deu-se entre 13-05-2013 e 17-05-2013 no Pré I e nos dias 27-05-2013 a 06-06-2013 no Pré II.

Pode-se afirmar que o estágio supervisionado é de fundamental importância como parte do currículo do curso de graduação, pois permite que o acadêmico tenha a oportunidade de estruturar um caminho profissional com base em suas reflexões

teóricas vivenciadas no contexto de sala de aula. Nesse cenário, Roesch (2005) apresenta suas considerações, destacando que o estágio é uma forma de alinhar a atividade e a aprendizagem, na academia, a formação profissional sob uma visão sistêmica e interdisciplinar.

Nesse aspecto, o Estágio Supervisionado é uma ferramenta que coloca o sujeito frente a frente com os desafios e as experiências escolares que ele como profissional irá enfrentar. Nesse contexto o grande desafio da escola é fazer com que ela, atenda às diferenças de origem sociocultural, oportunizando o acesso a todos a uma educação de qualidade, provocando e facilitando a reconstrução dos conhecimentos, que cada criança assimila em sua vida paralela e anterior à escola.

Nesse sentido, pode-se afirmar que esses são os pontos nos quais a escola deve investir para exercer sua função propriamente educativa: formar o cidadão conhecedor de sua situação, capaz de nela intervir, transformando-a no sentido de ampliar a liberdade, a comunicação e a colaboração entre os homens.

Segundo Moretto (2004.p.73), é “uma função social da escola: ajudar a formar gerentes de informações e não meros acumuladores de dados”. Assim, cabe à escola formar cidadãos conscientes do seu papel na sociedade e que saibam ser sujeitos ativos na relação social e isso se deve começar na Educação Infantil. O objetivo do ensino infantil deve seguir por essa diretriz, a partir do desenvolvimento da capacidade comunicativa dos alunos proporcionando-lhes, por conseguinte, uma melhor participação no exercício da cidadania.

As aulas na Educação Infantil devem ser uma forma de aprimoramento do indivíduo, o que implica considerar a linguagem do aluno e oferecer-lhe novos recursos linguísticos, cognitivos, motores e afetivos a fim de que o aluno possa adequar-se aos diferentes contextos comunicativos e sociais.

A sala de aula observada tem um clima muito agradável e atividades prazerosas sendo trabalhadas. A decoração das salas era simples, porém pode-se observar que a ornamentação era confeccionada com ajuda dos alunos. A relação das pessoas que fazem parte da escola para com a Educação Infantil, em particular, é de total atenção, carinho e o zelo já que acredita-se que a relação entre instituição escolar conta muito no processo de ensino/aprendizagem na Educação Infantil.

A instituição escolar é, em sua essência, uma instituição social em que os indivíduos, que direta, que indiretamente, interagem entre si, compartilhando experiências e valores. Essa interação não está restrita à sala de aula, mas

compreende todo o ambiente escolar, e até extra-escolar, já que envolve a cultura que cada um desses indivíduos traz para escola. A esse respeito, Cunha (2007) afirma que:

[...] O existir na vida cotidiana é estar continuamente em interação e comunicação com os outros e os significados próprios são partilhados com os significados das outras pessoas, que vivem também o cotidiano. A expressão do cotidiano do professor é determinante e determinada pela conjuntura social e cultural onde se desenvolve. (CUNHA, 2007, p. 40)

Nessa perspectiva, considera-se interessante compreender a relação entre cotidiano escolar e o processo de ensino/aprendizagem, pois se entende que o sucesso deste depende daquele.

Quando se fala em cotidiano escolar, não se pretende abranger somente as relações interpessoais, mas, conforme afirma Libâneo (2002, p. 13), “[...] há um conjunto complexo de fatores a serem considerados desde as condições de trabalho, remuneração e formação às políticas escolares mais amplas”.

Todos esses fatores influenciam diretamente na prática docente e, conseqüentemente, na aprendizagem, entretanto, convém ressaltar que o professor não está isento das causas do sucesso ou do fracasso no ensino. Ele também é responsável por isso, pois como diz Libâneo (Ibidem) “A qualidade das aprendizagens dos alunos depende da qualidade do desempenho profissional dos professores e essa qualidade, no geral, tem sido extremamente precária”.

Nesse aspecto é comum ouvir relatos de que o professor não sabe “ensinar”, porém na maioria das vezes o que ele tem é dificuldade na forma de como mediar o conhecimento ou de como transmiti-lo ao aluno, ou talvez ele não saiba como conduzir a aula, por conseguinte, o professor acaba por comprometer o aprendizado do aluno, este não foi o caso das salas observadas, porém vale salientar que a Educação Infantil precisa de um professor que tenha afinidade com crianças e muita paciência para que se adapte conseguindo assim o aprendizado das mesmas. Hillal (1985) destaca que:

A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outros há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falha no comportamento. A

afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades. (HILLAL, 1985, p. 18)

Sendo assim, pode-se dizer que não basta que o professor apresente um currículo que preencha os requisitos da disciplina, mas, é necessário que ele tenha uma prática de ensino capaz de promover a construção de saberes e contribuir para o exercício da cidadania, pois ao chegar à escola a criança necessita de carinho, atenção, tornando-se mais evidente o papel da afetividade na relação professor-aluno, pois, a escola é a primeira inclusão da criança no meio educacional.

Nesse sentido, é importante que haja uma boa interação entre professor e aluno, para que um possa conhecer o outro. Esse conhecimento vem das observações, ou seja, não é necessário que o professor esteja sempre questionando o aluno, seria até indelicado, mas é possível identificar os problemas que ele enfrenta no dia a dia, os seus gostos, suas perspectivas etc., através das suas atitudes, do seu comportamento, e da falta de interesse pelas aulas.

Nessa perspectiva, as aulas devem ser planejadas tendo em vista todas essas questões, de forma a desencadear no aluno a ideia de que a educação lhe é necessária e que o que ele aprende na escola vai lhe auxiliar no decorrer da sua vida, daí a importância da boa relação que deve existir entre professor e aluno.

A respeito disso, Souza (2006) comenta:

Não basta que os conteúdos escolares sejam significativos (e para qualquer aluno, não só para os alunos pertencentes às camadas populares). As relações estabelecidas em sala de aula, entre professores e alunos, também precisam fazer sentido e, especialmente, necessitam ser bem compreendidas pelos alunos. Ou seja, os lugares, responsabilidades diferentes de alunos e professor, as expectativas que se têm sobre o comportamento e atitudes dos alunos dentro (e até mesmo fora) da sala de aula precisam ser bem compreendidas pelos alunos. Cabe ao professor exercer com clareza, seriedade e segurança sua autoridade (não necessariamente autoritária) em sala de aula, para que os alunos tenham maiores chances de sucesso na escola. (SOUZA, 2006, p. 77)

Com relação à autoridade no sentido de autoritarismo, Doll Jr. considera que:

Num relacionamento reflexivo entre professor e aluno, o professor não pede ao aluno que aceite a autoridade do professor, pelo contrário, ele pede que o aluno suspenda a descrença nessa autoridade, reúna-se ao professor na investigação, naquilo que o

aluno está experienciando. (DOLL JR. apud LIBÂNEO, 2002, p. 28)

Um ponto também relevante para o processo de ensino/aprendizagem é a disponibilidade de recursos na escola, o que tem sido negligenciado, embora a maioria das escolas públicas brasileiras já tenha acesso aos recursos tecnológicos mais básicos, porém a quantidade desses recursos geralmente não atende à demanda de alunos, o que chega a ser paradoxal – uma educação para todos que não atende a todos. É, portanto, negado ao aluno o direito de acompanhar o desenvolvimento tecnológico da sociedade em que vive.

No decorrer do estágio supervisionado foi possível observar que apesar de já ter havido mudanças positivas no que se refere ao acesso do aluno as novas tecnologias, ainda há um longo caminho a percorrer, isto é, falta pessoal qualificado para dar suporte ao professor e alunos, falta também apoio técnico, pois quebrando qualquer computador ou impressora ou qualquer outro objeto tecnológico, ele passa meses sem conserto, pois falta recursos financeiro por parte da escola para haver o conserto.

Nesse aspecto, percebe-se também que na escola observada a Educação Infantil necessita de mais atenção por parte dos órgãos públicos já que não dispõe de materiais didáticos apropriados e muitas vezes falta recursos para a compra de materiais simples como folhas de papel, por exemplo.

Há ainda outro fator que merece atenção na realidade escolar: a parceria entre escola e família. É notável a necessidade de participação da família na educação do indivíduo, mesmo porque ela é a primeira organização social da qual ele faz parte e, portanto, muitos dos seus princípios foram adquiridos em sua convivência com a família. Sendo assim, é importante que haja uma integração entre esta e a escola. O que pode-se afirmar é que nas duas salas de aulas observadas a poucos casos em que a família não se faz presente na escola. Nesse sentido, Macedo (2006, p. 104) afirma que “[...] é super importante assumir-se a postura de que a produção da criança é o resultado da inter-relação de toda essa rede que constitui o contexto de sua vida.”

Para Delors, (2005):

A família, espaço educativo por excelência, é vulgarmente considerada o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo, no qual se “criam” e “educam” as crianças, ao proporcionar

os contextos educativos indispensáveis para cimentar a tarefa de construção de uma existência própria. Lugar em que as pessoas se encontram e convivem, a família é também o espaço histórico e simbólico do qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores, dos destinos pessoais de homens e mulheres. A família revela-se, portanto, um espaço privilegiado de construção social da realidade em que, através das relações entre os seus membros, os factos do quotidiano individual recebem o seu significado. (DELORS, 2005.p.37)

Dessa forma, percebe-se que família é o primeiro suporte vital que a criança tem nos primeiros anos de vida, sendo a família um lugar que deveria ser um referencial para criança, porém na maioria dos casos a criança é totalmente desassistida por ela.

De acordo com Marchesi (2004):

O Estado-educador tem vindo a substituir-se à família, às restantes comunidades naturais e à sociedade civil no desempenho das funções de apoio ao desenvolvimento integral do educando. À medida que a família foi recuando nas suas funções educativas, o Estado foi ocupando o espaço vaio e, nas últimas décadas, essa intervenção estatal transformou-se num perigoso monopólio que urge quebrar, sob a pena de a escola pública de massas se tornar num mecanismo de propaganda ideológica e de controlo político dos cidadãos. (MARCHESI, 2004. p.14)

Nesse aspecto verifica-se claramente que é de fundamental importância que família e escola se unam na criação de uma “união” com vista a conseguirem ajudar educandos e conseqüentemente alunos, de forma a que os consigam tornar cidadãos ativos e capazes de agir na sociedade dos nossos dias.

Diante de todas essas questões, pode-se dizer que cotidiano escolar e ensino-aprendizagem são determinantes um do outro e principalmente na Educação Infantil que se considera a base de todo o ensino. Assim, considerando a situação da escola pública brasileira hoje, percebe-se que já houve avanços significativos, tipo: material impresso para auxiliar nas tarefas, bebedouros nas salas; porém muita coisa precisa ser modificada.

1.4 Do estágio no Ensino Fundamental I

Novamente o estágio se deu na escola já mencionada, arquitetonicamente, trata-se de uma obra bem construída. O clima de trabalho e interação aluno-professor-gestor é razoavelmente ameno e tranquilo, obviamente que uma vez ou

outra ocorram problemas de ordem disciplinar, mas são logo resolvidos. A direção da escola é muito bem organizada democrática e participativa.

Desta vez as observações e intervenções foram realizadas na sala de aula dos 3º anos A e B respectivamente, que tem por objetivo possibilitar uma reflexão sobre a prática de ensino no Ensino Fundamental I e as condições necessárias para que esta ocorra da melhor forma possível.

Com ajuda de programas do Governo Federal como Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, a escola tenta alfabetizar todas as crianças até o 3º ano, e é visível o esforço dos professores das séries citada a fim de que consigam alfabetizar seus alunos. São aulas bem elaboradas todas partindo de livros infantis, a leitura está presente a todo o momento em sala de aula.

Para Oliveira e Queiroz (2009):

(...) entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade. (OLIVEIRA E QUEIROZ, 2009, p.2)

Assim, estimular o gosto e a paixão dos alunos para que possam tirar proveito pessoal da leitura precisa ser objetivo de toda a escola. O ato de ler precisa levar a criança à compreensão do assunto lido e não simplesmente repetição de informações, para que a criança possa refletir e agir de forma crítica diante do texto lido.

Diante disso, Freire (1989), comenta: “a linguagem e realidade precisam ser relacionados dinamicamente e a experiência de vida dos alunos ser valorizada”. Desta forma não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreendendo, interpretando, relacionando o que se lê com a própria realidade. As crianças lêem com prazer e atenção quando os textos apresentam significados para elas.

É fato que o ambiente escolar é formado de um conjunto heterogêneo, onde cada integrante tem sua respectiva função, responsabilidades, direito e deveres. Desta imensa comunidade fazem parte: pais, alunos professores e funcionários. Cada um tem seu papel a cumprir, e é nessa distinção de tarefas e responsabilidades que a escola cresce.

A escola exerce seu papel educativo compondo-se como um ambiente organizado institucionalmente, baseado no respeito e na confiança entre suas partes atuantes, direta ou indiretamente. Em detrimento destes requisitos, é plausível que a escola encontra-se aberta à participação maciça de todos os segmentos da sociedade e deste modo crie espaços de diálogo comunicativo de forma que garanta que todos possam se expressar e ser ouvidos.

Refletindo sobre esse aspecto, Gadotti (2000) afirma que:

A participação na gestão da escola proporcionará um melhor conhecimento do funcionamento da escola e de todos os seus atores; proporcionará um contato permanente entre professores e alunos, o que leva ao conhecimento mútuo e, em consequência aproximará também as necessidades dos alunos dos conteúdos ensinados pelos professores.(GADOTTI, 2000, p. 36)

As reflexões do referido autor está em concordância com a nossa compreensão, a escola é compreendida como um espaço social onde todos participam, interagindo, compartilhando ideias e desta forma defendendo uma escola pública de qualidade para todos.

É notável a necessidade de participação da família na educação do indivíduo, mesmo porque ela é a primeira organização social da qual ele faz parte e, portanto, muitos dos seus princípios foram adquiridos em sua convivência com a família. E nas salas de aulas observadas é notório que a maioria das crianças não tem o apoio da família nas atividades escolares bem como a família não participa de eventos importantes e significativos na escola para o futuro de seus filhos como, eventos comemorativos, datas festivas ou reunião de pais e mestres.

Sendo assim, é importante que haja uma integração entre esta e a escola. (TIBA 1998, p. 80), afirma que:“a escola precisa alertar os pais sobre a importância de sua participação: o interesse em acompanhar os estudos dos filhos é um dos principais estímulos para que eles estudem”.

Nesse aspecto é de fundamental importância a presença deles, pois quando os pais participam, os filhos se sentem valorizados e orgulhosos. Sendo assim, os pais precisam entender que eles devem dar o exemplo. Sua falta na escola, nas reuniões ou eventos escolares é entendida muitas vezes pelos filhos como descaso, falta de atenção. Muitas vezes ouvem-se alguns pais fazendo crítica a seus filhos,

pois eles não assumem os compromissos e nem entendem que eles fazem o mesmo e que seus filhos só estão repetindo o que presenciam em casa.

Portanto, no decorrer dos estágios foi possível verificar que o grande desafio da escola hoje é mobilizar os alunos para o conhecimento, estimular as interações e as participações, despertar na família o interesse em participar da vida escolar dos seus filhos e promover valores como o respeito e a cooperação através do empenho coletivo, o que requer a adesão de todos os envolvidos com o processo de ensino e aprendizagem.

2. NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL: a relação professor e aluno e o problema da indisciplina escolar

Ao tentar compreender o problema da indisciplina escolar entre professores e alunos do ensino fundamental fica evidente que, primeiro, deve-se conhecer o problema, definir suas causas e consequências, saber qual a melhor forma de fazer com que esse aluno aprenda a partir do seu ato de indisciplina e o que deve ser feito frente a este ato.

No início do século XX, nas escolas mais tradicionais, o uso dos castigos físicos, como a palmatória, era comum, pois através desse e de vários “métodos”, o educador conseguiria o “respeito” dos seus alunos. Luchesi (2006) fala sobre esses castigos:

No Sul do país, era comum um professor utiliza-se da régua escolar para bater num aluno que não respondesse com adequação às suas perguntas sobre uma lição qualquer. No nordeste brasileiro, esta mesma pratica era efetivada por meio da palmatória, instrumento do qual o professor batia na Mao dos alunos. A quantidade de “palmadas” dependia do juízo desse professor sobre a possível “gravidade” do erro. (LUCHESE, 2006, p.48-49)

Atualmente é possível observar que o contexto social mudou, e os alunos também mudaram e o professor não deve castigá-los da mesma forma que no início do século. Primeiro, porque o mesmo só consegue o “respeito” através do medo, segundo, esses castigos são formas de violência, por fim, o educador acaba não tendo o respeito dos alunos.

Atualmente, podemos verificar que na maioria dos casos de indisciplina é apresentado por crianças que vem de famílias desestruturadas e de poder econômico relativamente baixo, onde predomina as banalizações e o custo de vida é difícil, ou seja, onde existem pessoas desempregadas, com fome e sem perspectiva de vida, a tendência ao desequilíbrio emocional e psicológico é enorme.

Assim, verifica-se que o problema da indisciplina está enraizado nos lares onde predominam famílias desestruturadas, onde há brigas frequentes e a violência em família é grande, nestes lares predomina, falta de amor, carinho, compreensão, afetividade e principalmente a falta de diálogo, e então os filhos terão reflexo de tudo isto.

Para Tiba (1996, p.110):

O único animal que construiu uma civilização foi o ser humano. A civilização é caminhar evolutivo da sociedade. A sociedade é composta de organização, famílias e indivíduos, assim como o corpo humano é formado por aparelhos, composto por órgãos que por sua vez, são formados por células. (TIBA, 1996, p. 110)

Podemos observar que Tiba compara a organização familiar a um corpo humano, sendo todo corpo precisa estar em harmonia para que funcione de forma correta. Assim é a sociedade e a família, ambas devem estar em harmonia.

Segundo Marrafon (2007):

Atualmente a indisciplina e a agressividade tornaram-se uma constante em nossas escolas. Os jovens muitas vezes não sabem como lidar com suas emoções, não suportam frustrações, nem toleram regras, nem mesmo se compreendem. (MARRAFON, 2007, p. 14)

Podemos observar atualmente que algumas crianças e até mesmo jovens perderam o respeito total pela instituição em que estudam, não medem distância em agredir as pessoas verbalmente ou fisicamente, acham que a violência é o único meio de se resolver seus problemas e frustrações.

Sobre isso Vasconcelos (2009).

(...) é muito comum ouvirmos dos professores a queixa de que os pais não estabelecem limites, não educam seus filhos com princípios básicos como saber se comportar respeitar os outros, saber esperar sua vez, etc. (VASCONCELOS, 2009, p. 240)

Nesse contexto, o corpo docente é o mais prejudicado com a questão disciplinar dos alunos, o professor não está preparado psicologicamente para lidar com essa pressão diária. Se os pais não colaborarem com a educação de seus filhos, o problema se agrava e a escola arca com toda a responsabilidade.

Por outro lado existem crianças que vem de um lar que tem de tudo e oferece todos os meios para que estas se eduquem, mas infelizmente o exagero acaba por contribuir para a indisciplina destas crianças, e então teremos ai, a falta de limites e regras. E este tipo de criança chega à escola e não querem respeitar ninguém. Os pais não aplicar regras nem tão pouco limites, os deixa a vontade, e fazerem o que querem.

Sobre isso Tiba (1996) nos dizia:

Há pais que, que por pagarem uma escola, acham que a mesma é responsável pela educação de seus filhos. Quando a escola reclama de maus comportamentos ou das indisciplinas do aluno, os pais jogam a responsabilidade sobre a própria escola. (TIBA, 1996, p. 168)

Sendo assim, pode-se dizer que a indisciplina pode ser gerada por vários fatores, ou meios. Na família a indisciplina é gerada por sequelas psicológicas e emocionais, no meio social ela ganha respaldo no que se confere à exclusão, ou seja, a sociedade exclui o indivíduo gerando neste uma revolta, sabe-se que o mundo é hierarquizado e que cada indivíduo ocupa seu lugar na sociedade.

Nesse contexto, a escola deve estabelecer uma melhor relação entre aluno-professor onde a um respeito entre ambos. Quando se tem uma relação recíproca o docente conquista o respeito dos seus alunos. Porém, não é uma tarefa fácil, pois a confiança é algo que se conquista aos poucos e com muita dificuldade em alguns casos, porém a instituição escolar não pode intimidar-se em relação a essa temática, deve encará-la como um desafio pedagógico a ser transposto. De acordo com Abromovay (2008):

A escola não pode abdicar de sua verdadeira missão que é formar mentes solidárias e éticas. A escola não pode alimentar a violência que existe fora, deve desenvolver entre seus integrantes, relações com base no respeito mútuo na cidadania. (ABROMOVAY, 2008, p. 26)

Uma possível solução para combater a indisciplina é a escola organizar-se pedagogicamente, analisando a forma como o problema está sendo controlado e traçar metas em conjunto com toda a comunidade escolar a fim de deter tais atos não apenas no interior da escola bem como em seu exterior e isso poderá ser conseguido através das relações entre professor e aluno.

2.1 A relação professor /aluno

A relação entre o professor e seus alunos é de fundamental importância para a educação de modo geral, pois é a partir da forma de agir do professor que o educando se sentirá mais receptivo a aprender ou apreender o que se é colocado. A

reciprocidade, simpatia e respeito entre professor e aluno proporcionam um trabalho construtivo, em que o educando é tratado como pessoa e passa assim a respeitar seu professor e ser respeitado.

O que seria aconselhável segundo Freire (2007, p. 69-70), é que os professores não tenham o receio de expressar sua afetuosidade, “é preciso não ter medo do carinho [...]. Só os mal-amados e as mal-amadas entendem a atividade docente como um que fazer de insensíveis, de tal maneira cheios de racionalismo que se esvaziam de vida e de sentimentos”. Os vínculos afetivos positivos também proporcionam ao aluno um melhor desenvolvimento tanto na sua capacidade de aprendizagem quanto no seu comportamento. Incentivar no aluno a vontade de ir a escola e aprender, e ver isso como algo positivo também é tarefa crucial para um bom relacionamento entre educando e educador.

Segundo Snyders (1993, p.13), “a escola deve proporcionar aos jovens vontade de viver e oferecer-lhes sustentação e ponto de apoio, e a arte mais importante do mestre é provocar a alegria da ação criadora e do conhecimento”. Assim os laços de afetividade positiva entre mestre e educador tendem a crescer e melhorar ainda mais o desenvolvimento das aulas e do aprendizado.

O ser humano é um ser sociável e esta socialização faz-se necessária até mesmo para a saúde física e mental. Esta socialização deve ser apreendida e exercitada, e não há lugar melhor para tal como a instituição escolar, onde existem pessoas diferentes, com opiniões, crença, religiões, etnias, classes diferentes.

Dentro da sala de aula, os alunos vivem a experiência das particularidades individuais e das diferenças de grupos e do todo da classe: os indivíduos são diferentes entre si, e muitas vezes de difícil acesso. [...] O todo da classe e o todo da escola têm muita dificuldade em constituir uma unidade. Na maioria das vezes, eles a encontram mais em fases de oposição comum a uma autoridade exterior do que em suas próprias riquezas. [...] O aluno pode sentir sua originalidade individual ameaçada tanto por seus pares quanto por seus superiores ou pela instituição. A questão é atingir uma alegria das relações, superando esses graves riscos de não-alegria. (SNYDERS, 1993, p. 69-70)

É fato que a relação entre professor e aluno não é fácil nem simples, já que geralmente a idade, geração, opiniões são diferentes e muitas vezes não se chega a um denominador comum, em muitos os casos os alunos detém mais conhecimentos,

principalmente tecnológicos, que os professores e isso muitas vezes, chega a criar barreiras para uma relação harmoniosa.

Diante do exposto, pode-se dizer que apesar de todas essas diferenças o professor ainda ocupa um lugar de muita importância na vida do aluno e pode-se afirmar isso na fala de Snyders (1993, p. 73), “as coisas que eu aprendi diretamente da boca de meus professores (na escola, portanto, e não nos livros) permanecem estreitamente ligadas, na minha lembrança, àqueles que as formularam”. Então nota-se que a figura do professor marca a vida de um aluno, até mesmo simples palavras.

A interação entre professor e aluno deve refletir-se na importância desta relação, onde o professor almeja que todos os alunos comprometam-se e comportem-se de modo o qual se considera correto, e os alunos por sua vez não confundindo funções e respeitando o que se é feito de acordo para ambos. Dessa forma a indisciplina escolar tende a cair consideravelmente, já que uma boa relação trás consigo laços de afetividade fortes, e quem tem carinhos e/ou admiração por alguém não tem porque cometer atos indisciplinados, os quais muitas vezes são usados apenas para chamar atenção.

2.2 Indisciplina escolar: causas e consequências

Quando o professor se depara, pela primeira vez, com uma turma cheia de alunos, com certeza nem todos vão corresponder com suas expectativas de serem bem comportados. Afinal, uma das questões que mais assusta o educador, obviamente, é a indisciplina de alguns alunos, “traduzidas em termos como: bagunça tumulto, falta de limites, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade” (AQUINO: 1996, p. 40). A ocorrência desses “delitos” compromete o trabalho do professor em sala de aula e o aprendizado dos demais alunos.

Deve ficar claro, que a indisciplina não acontece por si só, pois há vários fatores que contribuem para esses casos. O aluno pode estar passando por problemas pessoais, psicológicos, estar dentro de uma família desestruturada, enfim, não há algo específico que contribua para a indisciplina. O problema ultrapassa as barreiras da escola, com isso “a temática disciplinar a se configurar enquanto problema interdisciplinar, transversal à pedagogia, devendo ser tratado pelo maior número de áreas em torno das ciências da educação” (AQUINO: 1996, p. 40-41).

Muito dos esforços que o professor tenta fazer para melhorar a questão da indisciplina, por sua vez em alguns casos são inúteis, pois “o aluno acometido por agressividade/rebeldia, ou apatia/indiferença, ou ainda, desrespeito/falta de limites” (AQUINO: 1996, p. 45) impede a aproximação do educador.

Essa falta de controle originou-se, segundo Guedes (2006), devido à desqualificação da relação mestre e discípulo, causado, principalmente, pelo projeto educacional implantado pela ditadura. O autor ainda afirma que:

E a mensagem dessa pressão para o atenuamento das exigências de avaliação a esse professor impedindo de ser um estudioso e de quem os gabinetes exigem que seja mais do que um professor-educador, comunicador, psicólogo clínico- é a desimportância do que ele tem para ensinar, isto é, sua desimportância enquanto professor, enquanto alguém que já se construiu um conhecimento de tal modo que se tornou capaz de encaminhar a construção desse conhecimento pelos seus alunos. (GUEDES, 2006, p.20)

Portanto, para amenizar o problema da indisciplina é preciso que a escola primeiramente conte com o projeto político pedagógico, o qual contará com a presença dos supervisores, orientadores, professores, família até mesmo a comunidade, pois através da união de todo o processo educativo fluirá boas respostas a respeito de problemas apresentados dentro do domínio educacional.

Contudo, podemos dizer que sem união da comunidade escolar em geral, o professor fica impotente, pois nem mesmo a sociedade, no qual faz parte, lhe dar o devido valor. Em síntese, o educador fica responsável por tudo o que ocorre na sala de aula, mas caso ocorra fatos de indisciplina o professor terá que agir da melhor forma possível, se não solucionar tais problemas se tornará algo complexo.

2.3 Contexto social familiar e escolar

Pensar em família no contexto social do século XXI em nossa sociedade, sugere em nosso modo de ver mudanças nos padrões de relacionamentos e também de comportamentos. Vivemos em uma época em que a família sofreu várias transformações de acordo com as modificações do contexto social vigente e com essas, ficou difícil sustentar a ideia de que uma família é constituída de pai, mãe e filho, morando juntos na mesma casa.

Atualmente é comum famílias constituídas apenas de mãe e filhos, pai e filhos, avós e netos, etc. Dessa forma, devido à diversidade dos tipos de composição familiar, muda-se o foco da estrutura da família nuclear, como modelo de organização familiar, considera-se as novas questões referentes à convivência entre as pessoas da família, sua relação com a sociedade e comunidade conseqüentemente. Assim, o conceito de família sofreu grandes alterações de acordo com sua evolução ao longo da história.

O caso da indisciplina escolar é um problema grave que atinge grande parte, ou porque não dizer, quase todas as escolas e precisa ser estudada de diferentes maneiras de acordo com cada caso em particular. De acordo com um relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1996. p. 95), “a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas”.

Infelizmente o que se vê nos dias atuais é que desde muito cedo coloca-se as crianças em creches e escolinhas, ao chegar em casa esta vai para frente de um aparelho de televisão, computador, tablets e muitos outros aparatos tecnológicos ficando o convívio familiar em segundo plano. Neste caso a instituição família delega a escola o papel de educar seus filhos.

Embora haja em alguns casos a continuidade na transmissão de valores de pais para filhos, deve-se levar em consideração que muitos jovens adquirem a sua identidade não só dentro da família, mais seduzidos por discursos variados e “convincentes” dos quais muitas vezes a escola não pode interagir. A família não pode abdicar de seu papel e atribuir responsabilidades a outros agentes educativos, no caso, apenas à escola.

Aluno indisciplinado na escola tem uma causa, e cabe ao professor, bem como a escola de modo geral, juntamente com auxílio da família, investigar e assim diagnosticar esta causa afim de organizar-se pedagogicamente para tentar deter estes atos de indisciplina não só dentro mais também no exterior da escola.

O papel da escola é auxiliar a família na preparação das crianças para a vida social, neste contexto Maretto (2002) afirma que:

[...]uma das funções da escola, do ponto de vista social é a preparação do cidadão para inserção na sociedade, na qual ele viverá como cidadão e como profissional de alguma área da

atividade humana. Preparar o sujeito para a vida em sociedade, não apenas comunicar-lhe as normas da convivência social, transmitir-lhe os conhecimentos socialmente construídos e ajudá-lo a acomodar-se a um grupo e viver dentro de um status que é estabelecido. (MARETTO. 2002, p. 73)

Neste aspecto é necessário que a escola traga a realidade do educando ao seu espaço educacional, e comprometa-se de fato com suas verdadeiras formas políticas sociais e culturais, ensinando assim que certas desigualdades, violência e desrespeito existem, porém que não se deve espelhar-se em tais fatos por motivos banais. Assim, como cita Paulo Freire (1980) “educamos para a transformação quando procuramos formar o cidadão, ou seja, o ser político”.

É notório, então, que cada instância, seja ela escola ou família, tem sua função e nenhuma conseguirá sanar a falta da outra com grande com total êxito, apenas parcialmente. Neste caso, ambas necessitam caminhar lado a lado a fim não só de resolver o problema da indisciplina mais de formar cidadãos preparados para os desafios da vida.

3. DA AÇÃO DO PROFESSOR EM RELAÇÃO À INDISCIPLINA DO ALUNO.

Na busca por entender a questão da indisciplina escolar, optou-se por fazer uma entrevista com alguns dos educadores do Ensino Fundamental I da Escola Arão Teodomiro de Sousa, aqui já citada anteriormente, onde os profissionais puderam expor suas opiniões sobre tal problemática.

De acordo com alguns educadores entrevistados ser um bom profissional da Educação é procurar sempre se relacionar da melhor maneira possível com aqueles alunos indisciplinados, a fim de conquistar a confiança e o respeito dos mesmos.

Nesta perspectiva, Costa (2005, p. 78) afirma que “a educação para a paz consiste, por tanto na construção de uma nova maneira de interagir com o aluno tanto na escola, quanto nas mais diversas instituições.”

3.1 Tentativas de solucionar o problema: numa discussão teórico/prática

Como já foi visto a indisciplina é um ato que não ocorre por acaso, e por isso há vários fatores que a ocasionam. Propor uma solução definitiva é algo complexo; muito do que foi visto e discutido em muitas escolas, principalmente públicas, são consecutivos atos de indisciplina. Não há uma “formula mágica” para solucionar o problema disciplinar.

Professores usam alguns artifícios para conseguir o respeito dos alunos, mas de nada vale se o docente não o faz merecer. Segundo Jesus (2001), “se o docente quer o respeito dos estudantes, obviamente tem que respeitar seus alunos, pois a partir dessa melhor convivência o professor poderá utilizar métodos que os mantenham sob controle”.

Entretanto, isso não significa que esses alunos não queiram aprender, Aquino (1996) esclarece que por incrível que pareça, os mesmos tem sede de aprendizado, desde que sejam estimulados, provocados. Então se o docente se valer de estratégias, poderá utilizar métodos que atraiam a atenção desse aluno.

Devido a realidade no qual vivemos nos preocupamos com a questão disciplinar, pois dela pode-se gerar casos de violência. O professor é prejudicado por lidar com esse aluno, bem como toda a classe, por isso há uma preocupação em tentar solucionar o problema, para não evoluir e prejudicar todos que estão dentro da instituição escolar.

Dessa forma, deve-se levar a outro enfoque essa questão, não apenas pela escola, mas também o papel primordial da família, por isso sua responsabilidade deve ser partilhada, segundo Aquino (1996) qualquer trabalho psicológico em cima desse aluno a escola não deverá assumir, pois, primeiramente, é de responsabilidade familiar.

Numa sociedade cada vez mais individualista, consumista e arrogante, perdem-se valores, como a convivência entre as pessoas, essas e demais atitudes é regredir em nosso processo de evolução, “essa confusão de valores que caracteriza o mundo atual, o crescimento dos filhos, do ponto de vista moral e, mais geral, do ponto de vista humano, é secundário.” (GIUSSANI: 2004, p.184).

A família é a base do aluno, dependendo do núcleo familiar que esse indivíduo viva, fará toda a diferença no seu comportamento, aprendizado, relação com seus colegas, etc. Alguns pais jogam sua responsabilidade (a educação dos filhos) na instituição escolar, como se esta fosse resolver todos os problemas desse aluno. Essa é mais um razão das dores de cabeça do professor.

Sendo assim, a escola passou de espaço de integração social e cultural à “regeneradora” moral, pois quem deveria exercer seu papel passa sua responsabilidade à instituição, resultando numa sobrecarga de trabalho.

Nesse sentido, faz-se necessário deixar bem claro qual o papel de cada um, assim, facilita a resolução da problemática, pois a escola e a família, “em verdade, são elas as duas instituições responsáveis pelo que se denomina educação num sentido amplo.” (AQUINO: 1996, p. 46)

Nessa ótica, quando ambos, família e escola, chegam a um consenso, com certeza, quem ganha é quem está no centro dessa discussão, o aluno, e a problemática disciplinar é resolvida de modo a não prejudicar o rendimento escolar desse estudante.

Com o objetivo de entender as supostas causas de indisciplina bem como alguns profissionais da educação agem diante destes atos de indisciplina fez-se necessário, ir a campo entrevistar boa parte dos profissionais que fazem a escola antes citada neste trabalho.

3.2 Disciplinando: em possibilidades

Na busca por entender as causas e como reagir diante de atos indisciplinados, questionários foram elaborados e repassados aos profissionais da referida escola, os quais puderam expor opiniões e relatos vividos ante casos de indisciplina.

Foram entregues questionários a 10 professores da referida escola, que tiveram de responder 4 questões sobre indisciplina. Os professores não foram identificados por nomes sendo referenciados por letras, mantendo assim a integridade de cada um, porém nem todos foram citados e/ou tiveram suas respostas descritas neste trabalho, visto suas respostas nem sempre estarem de acordo com o tema em questão.

Todos os profissionais entrevistados afirmaram que na escola existe sim vários casos de indisciplina, muitos acreditam que tanta indisciplina está ligada a história de vida do aluno, o qual muitas vezes não tem o apoio e carinho da família. A professora X, quando questionada sobre os casos mais comuns de indisciplina na escola cita “Alunos que desrespeitam professores e colegas; crianças que não cumprem seus deveres escolares, ou seja, se omitem em realizar as atividades”, diz ainda que “não compreende a razão pela qual ultimamente as crianças estão cada vez mais indisciplinadas e em alguns casos agressivas e violentas, não se usa mais ‘por favor’, ‘com licença’, ‘obrigada’, ‘desculpa’”.

Neste caso há a falta dos valores básicos de respeito, os quais devem ser aprendidos em casa, com a família. Porém muitos professores também procuram reforçar, ou ensinar esses valores a criança a fim de que ela possa se tornar uma pessoa menos agressiva e consiga ter uma boa convivência no meio social.

Conforme cita Abromovay (2008, p. 75) a escola deve tentar extinguir a violência existente do lado de fora da escola e criar entre um ambiente favorável ao desenvolvimento da cidadania e do respeito mútuo.

Foi questionado também como cada profissional reage diante da indisciplina dos alunos, quanto a isso a professora Y diz: “Procuro agir com calma, cultivando um ambiente de cooperação e respeito, estabeleço regras que vão se tornando mais flexíveis de acordo com a atitude do aluno, porém, é de se esperar que casos de indisciplina surjam sempre”.

Também houve professores que afirmaram que não existe uma estratégia padrão para aplicar com os alunos indisciplinados e que a escola deve estar sempre atenta e colaborar no combate à indisciplina, sempre buscando soluções junto aos setores de apoio como a família.

Como professora, acredito que devemos sim criar juntamente com a classe algumas regras a serem seguidas no dia a dia escolar a fim de melhorar o convívio com os colegas, contribuindo assim para o melhor desenvolvimento da aprendizagem de todos, pois uma sala de aula harmoniosa, onde todos colaboram a aprendizagem ocorre mais facilmente e isso também auxilia na sua integração no meio social fora da escola.

Nesta perspectiva Costa (2005, p. 78) que é necessário que eduque para a paz para que assim se construa uma maneira de interagir com o aluno não apenas dentro da escola, mas também em diversas instituições.

Os professores quando questionados sobre o que contribui para um aluno ser indisciplinado emitiram os seguintes relatos: a professora K afirma que o que mais contribui é “família desestruturada e falta de regras e normas na escola. Vale lembrar que para a escola pública fica complicado impor muitas normas já que o aluno é cheio de direito, perante as Leis.”

Portanto, constatamos que a escola enfrenta uma gama de dificuldades em relação à disciplina dos alunos, pois boa parte das leis aparam principalmente o aluno e em casos, particulares e extremos, de professores serem até agredidos fisicamente por alunos, o professor ainda é processado pela família do aluno.

Outro professor responde a mesma questão utilizando as seguintes palavras: “O que mais contribui para indisciplina na escola na maioria dos casos é a ausência de condições adequadas, e de educação familiar, em particular, baixo rendimento escolar ou até mesmo distúrbios emocionais mais graves.”

Dessa forma, fica claro que nem sempre a indisciplina é causada pelo mesmo fator mesmo que se concentre numa mesma sala de aula, por isso o professor deve investigar a causa de tais atos a fim de tentar sanar o problema da indisciplina no seu contexto escolar.

São queixas constantes dos professores a agitação de alguns alunos, quanto a isso Abramoyay (2008) afirma:

Crianças excessivamente inquietas agitadas, com tendência á agressividade se destacam no grupo pela dificuldade de aceitar e cumprir as normas, as vezes, não conseguindo produzir o esperado para sua idade. Estas crianças representam um desafio para suas famílias e escola, cabendo a estes estabelecer os métodos de orientação mais condizentes. (ABRAMOVAY, 2008, p. 76)

A falta de interação entre escola, família e sociedade tem gerado uma impossibilidade de diálogo que vem refletir na crise institucional, vivida hoje pela falta de normas a serem estabelecidas para nossas crianças e jovens.

Numa das conversas existente entre o grupo de professores entrevistado, os mesmos afirmavam que é sempre bom esta conversando com os pais, procurando ajuda do supervisor e da direção escolar a fim de conscientizá-los, seja por meio de palestras, conversas informais ou projetos desenvolvidos na escola, e tentar assim garantir que haja aprendizagem dentro da sala de aula, porém essas atitudes nem sempre alcançam o objetivo esperado.

A maioria dos professores entrevistados acredita que problemas familiares, desigualdade social, falta de preparo por parte dos pais com as crianças para obedecerem a regras, e “más companhias” são aspectos que contribuem para a indisciplina dos educandos tanto dentro da escola quanto fora dela.

A escola deve se preocupar com o aluno indisciplinado, e para ele trabalhar uma proposta pedagógica voltada para o combate aos principais fatores que causam a indisciplina. É essencial que a escola crie um clima de confiança, agradável e pacífica a fim de que não se combata a indisciplina com gritos e agressividades verbal, pois isso só gerará mais revolta e refletirá em mais indisciplina. Neste processo é de fundamental importância a presença da família na escola auxiliando no que for necessário e se instruindo um pouco mais no intuito de melhorar o comportamento e a relação entre pais e filhos, alunos e professores.

Educar é uma arte que deve estar sempre em aperfeiçoamento e nós professores não podemos deixar de acreditar nos sonhos e no poder da transformação do ser humano, bem como na capacidade de cada aluno, pois cada um tem um potencial interior a ser descoberto e trabalhado.

Neste sentido Freire (1998) afirma:

A educação sem esperança não é educação. Enquanto necessidade antológica a esperança precisa da prática para se tornar concretude histórica. E por isso não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera que vira, assim espera vã.

(FREIRE, 1998 p. 11)

A temática abordada neste trabalho é de fato insuficiente para englobar os reais problemas indisciplinares existente no meio educacional, pois muito ainda haveria de ser dito e pesquisado. Resta então conscientizar e mobilizar a sociedade escolar no intuito de proteger os cidadãos de amanhã para que os mesmos não tenham um futuro sombrio, sem perspectivas nem projetos de vida, embalados apenas pela revolta e sofrimento.

Portanto, de acordo com que foi verificado nesta pesquisa convém explicar que realmente a indisciplina tem ligações diretas com a falta de limites a regras dadas pelos pais em casa e que os atos indisciplinares permitidos dentro dos lares reflete diretamente na sala de aula e na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender a problemática da indisciplina, a qual ocorre no contexto escolar e são os desafios que permeiam a vida familiar contemporânea, como a violência dentro do núcleo familiar, desemprego, pobreza, drogas e tantas outras situações que por si acabam afetando dolorosamente a família e desafiando sua capacidade para resistir e encontrar saídas.

Pode-se perceber, portanto, que a indisciplina é tratada de diferentes maneiras na prática cotidiana escolar. Muitas vezes alguns professores por não adquirirem métodos a fim de superar o problema acabam se culpando ou apontando outro colega de profissão como responsável pela indisciplina do aluno, isentando-se da responsabilidade, ou simplesmente espera o ano acabar, para se “livrar” do aluno indisciplinado.

Nesse contexto faz-se necessário que o educador tome consciência de que ninguém cresce, ou vence, sem desafios. E para um bom educador existe desafio maior que educar? Não, este por si só já é o maior dos desafios lançados a um educador.

Podemos comprovar esta afirmação, ao adentrarmos a campo na escola pública citada neste trabalho, na qual foi realizada este estudo, onde o fenômeno da indisciplina emergiu como necessidade de ser trabalhada na escola. Daí a importância e a necessidade do trabalho de campo investigativo.

Satisfatória, é a palavra a qual podemos dizer para o resultado desta pesquisa, pois foi apresentada pelos educadores algumas maneiras de como lidar com essa problemática, bem como se tentou apontar, após a investigação, possíveis soluções para sanar tal problema. Vale ressaltar que o diálogo dos educadores e a participação da família são meios primordiais para unir valores e fazer com que possamos viver em harmonia no convívio da escola.

As sugestões e diálogo aqui compartilhados são caminhos traçados na tentativa de auxiliar na resolução da problemática da indisciplina, vale salientar que é de suma importância que professores pais, escola e sociedade estejam juntas neste caminho, a fim de minimizar tal problema. Fica aqui em aberto posicionamentos e questionamentos para a ampliação de novos estudos que porventura venham a ser desenvolvidos no futuro.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, et al. **Violência na escola**. ____ . 2008

AQUINO, JulioGroppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e praticas** / AQUINO, JulioGroppa (org.). São Paulo: Summus, 1996.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394/96. Dezembro, 1996 .

COSTA, Eveline Maria. **Educar para a paz é possível**:Revista Mundo Jovem 2005.

CHIZOTTE, Antonio. **Pesquisa em Educação**: Coletania de textos didáticos de Pedagogia em regime especial VI 2007.

CUNHA, M. T. S. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (Org.) **Culturas escolares, saberes e prática educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

DELORS, J. (org.) **Educação para o século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DELORS, Jacques. **Educação: Um tesouro a descobrir**. Relatório para UNESCO da comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 3ª ED. Porto Edições Asa, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 35. ed.São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre. Ed. Artes médicas, 2000.

GIUSSANI, Luigi, 1922. Família: o primeiro sujeito educativo. In: **Educar é um risco: como criação de personalidade e de historia**. / Luigi Giussani; tradução Neófito Oliveira. Bauru: EDUSC, 2004.

GUEDES, Paulo Coimbra, 1942. A crise de identidade do professor de português: a massificação e a desqualificação da relação mestre-discípulo. In: **A formação do professor de português: que língua ensinar?** / Paulo Coimbra Guedes. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

HILLAL, Josephina. **Relação Professor-aluno: Formação do homem consciente**. 2ª edição. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.

JESUS, Saul. **Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos**. Asa Editores, 2001.

LIBÂNIO, José Carlos. Produção de saberes na escola: suspeitas e apostas. In: **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Prática escolar: do erro como fonte de castigo ao erro como fonte de virtude. In: **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. / Cipriano Carlos Luckesi. 20 ed. São Paulo: Cortez; 2009.

MARCHESI, ÁLVARO; Gil H. Carlos. **Fracasso Escolar – uma perspectivamulticultural**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

MARRAFON. Andréa Margarete de Almeida. **Indisciplina na Escola**: Revista Mundo Jovem 2007.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

OLIVEIRA, Antonio José B. de; QUEIROZ, Andréa C. B.; MELLO, Paula M. A. M. **Projeto Memória da UFRJ**. Rio de Janeiro, 2009.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar: introdução crítica**. São Paulo. Cortez, 2008.

PINHEIRO, Adriano Martins. **A importância do Estágio**. Disponível em: <http://www.artigos.com/artigos/sociais/administracao/recursos-humanos/a-importancia-do-estagio.-3500/artigo/> Acesso em: 07 de jun. de 2014.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso**. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SNYDERS, George. **Alunos Felizes**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

SOUZA, Denise Trento de. Entendendo um pouco mais sobre o sucesso (e fracasso) escolar. In: **Coletânea de textos didáticos. Pedagogia em Regime Especial**. UEPB, 2006.

TIBA, Isçami. **Disciplina, limites na medida certa**. São Paulo: Editora gente; 1º Ed, 1996.

TIBA, I. **Ensinar aprendendo**. 26 ed. São Paulo: Integrare Editora, 1998.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Disponível em: http://www.sinterroraima.com.br/imagens/artigos/desafios_indisciplinas_01pag. acesso em 07/07/2014.

VINHA, T. P. **O Educador e a moralidade infantil numa visão construtivista**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

- 1- Você afirma que há atitudes de indisciplina nesta escola?
- 2- Quais os casos mais comuns de indisciplina nesta escola?
- 3- Qual sua reação diante de um ato de indisciplina do aluno?
- 4- Na sua opinião o que contribui para um aluno ser indisciplinado?